

O homem que venceu Auschwitz: uma história real sobre a Segunda Grande Guerra, de Dennis Avey e Bob Broomby

BINA MALTZ

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professora aposentada do Departamento de Letras Clássicas
e Vernáculos do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Quem foi torturado permanece torturado. (...) Quem sofreu o
tortimento não poderá mais ambientar-se no mundo, a miséria
do aniquilamento jamais se extingue. A confiança na
humanidade, já abalada pelo primeiro tapa no rosto,
demolida posteriormente pela tortura, não se readquire mais.
(Jean Améry, filósofo judeu austriaco, torturado pela Gestapo
e depois deportado para Auschwitz.)¹

“DEVEMOS SER ESCUTADOS (...) É PRECISO REPETIR: TAL BARBÁRIE ACONTECEU HÁ pouco mais de meio século. Pode acontecer de novo.”, diz Primo Levi (LEVI, Primo, 1990 p.123-4). E para serem escutados, escreveram, embebidos em memória recente do Holocausto ou dos sobreviventes dele, entre tantos, Primo Levi (*O que é isso um homem; A trégua; Os afogados e sobreviventes*), Alain Finkielkraut (*A memória vã*), Elie Wiesel (*A noite e relatos*), Claude Landzmann (*Shoah*), Otto Heinrich Frank (*O diário de Anne Frank*), Paul Celan (o célebre poema *Morte em fuga – Todesfuge*, publicado originalmente em romeno, inspirado em *Plegaria*, tango argentino que tocavam as orquestras de prisioneiros nos campos de concentração, daí ter recebido primeiro o título de *Tango de la muerte*); e outros bem mais recentes, resgatando a memória distante, como o cartunista americano Art Spiegelman (*Maus*, polêmica novela gráfica, em HQ), Shlomo Venezia (*Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás*), Jennifer Roy (*A estrela amarela*), Tailor Diniz (*A sobrevivente A21646*), todos com textos mais ou menos literários, autobiográficos, testemunhais ou ficcionais, mas sempre contundentes e carregados da pulsão da morte. Não menos contundente e não menos carregado da pulsão da morte, é o há pouco publicado (2011) *O homem que venceu Auschwitz: uma história real sobre a Segunda Grande Guerra*, de Dennis Avey e Bob Broomby.

Após quase sete décadas de silêncio, Denis Avey, aos 93 anos, encorajou-se a narrar, com o auxílio do jornalista Rob Broomby, em um bravo e duro relato memorialista, os horrores que viu em Buna-Monowitz, Auschwitz III. Avey justifica o longo silêncio: “Lá atrás, em 1945, ninguém queria ouvir, então parei de falar sobre o que aconteceu durante a maior parte dos últimos 65 anos” (AVEY; BROOMBY, 2011, p.13). Até por-

que, como já se sabe hoje, a história de um massacre de tamanha proporção e de uma crueldade tão impensável, pelo próprio absurdo, não era crível. Só um ano antes de escrever o livro, diz: “agora que posso falar daqueles tempos terríveis, sinto como se estivesse me livrando lentamente de um grande peso” (AVEY; BROOMBY, 2011, p.161). Ao final do livro, declara: “Uma parte de mim morreu naquele lugar. (...) Admito que desabafei um pouco tarde, mas agora as pessoas estão prontas para ouvir, e eu quero que minha história faça algum bem, foi isso que eu sempre quis realmente” (AVEY; BROOMBY, 2011, p.261).

A narrativa é estruturada em dois tempos. Em um polo, o tempo vivido, o tempo do passado, da memória; no outro, o tempo do presente, do narrador, que narra o tempo da memória, presentificando-o depois de um longo e silencioso intervalo de quase 70 anos.

A história tem início em 1939, com o alistamento no Exército Britânico de Avey, para avançar, passo a passo, desde os campos de guerra em que esteve como soldado em luta contra o Eixo, combatendo no hostil Deserto Ocidental, seguindo com a experiência de cativo no campo de prisioneiros de guerra aliados chamado E715, próximo a Auschwitz III, tão próximo que Avey podia ver a fumaça que saía das chaminés, sentir seu cheiro insalubre e ouvir gritos e tiros vindos daquela direção. O E715 estava em uma imensa área construída, onde “o esqueleto escuro de um satânico complexo industrial se erguia da terra, em ferro e concreto” (AVEY; BROOMBY, 2011, p.114). Ali, os soldados trabalhavam lado a lado com os “listrados”, como eram chamados os prisioneiros judeus do campo de trabalho escravo de Buna-Monowitz, na parte externa de Auschwitz, compartilhando com eles as tarefas, mas não as chicotadas e a “seleção”. Tampouco compartilhavam com

os judeus, é claro, o programa *Vernichtung durch Arbeit*, o plano de “exterminação pelo trabalho” que se aplicava aos últimos. Ali, Avey foi testemunha ocular do violento tratamento dado aos prisioneiros judeus, obrigados a esforços sobre-humanos, vítimas de doenças letais, fome, exaustão e espancamentos até a morte: “Os que estavam fracos demais para trabalhar eram assassinados e queimados. O fedor vinha das chaminés dos crematórios distantes” (AVEY; BROOMBY, 2011, p.117).

O autor, no momento em que chega ao campo de trabalho dos prisioneiros de guerra, vê a seguinte cena:

(...) figuras estranhas, que se moviam sem pressa – milhares delas. Todas estavam vestidas com camisas e calças listradas, esfarrapadas e mal-ajambradas... Seus rostos eram cinzentos, e suas cabeças toscamente raspadas e semicobertas por pequenos bonés. Assemelhavam-se a sombras movediças, indistintas e sem forma, que poderiam desaparecer a qualquer momento. Eu não sabia quem eram, o que eram. Os outros rapazes os chamavam de “listrados”. (...) Reconheci naquelas pobres assombrações traço humano como os meus, embora grande parte de sua humanidade lhes tivesse sido arrancada... Eles usavam o símbolo da Estrela de David. Eles eram judeus (AVEY; BROOMBY, 2011, p.115).

Certa vez, Avey ouviu, surpreso, no local em que era feita a contagem dos prisioneiros, em meio aos gritos dos guardas, o som de música: era a orquestra de prisioneiros de campo tocando música clássica. Tempos depois, ouviu dizer que a orquestra era obrigada a tocar durante as execuções.

A narrativa avança, com objetividade e preciosismo, até chegar ao relato da corajosa “aventura” do autor como “prisioneiro” do Campo de Con-

centração polonês, quando, em meados de 1944, como diz Avey: “entrei em Auschwitz III por livre e espontânea vontade”.

Mas por que fiz isso? Por que, voluntariamente, abri mão da condição de prisioneiro de guerra britânico protegido para entrar num local em que a esperança e a humanidade tinham sido eliminadas? Vou lhes dizer o porquê. Eu sabia que os cativos de Auschwitz estavam sendo tratados pior do que animais. (...) O que eu sabia de fato era que os judeus estavam sendo mortos na minha frente e que aqueles que se sentiam muito fracos para conseguir trabalhar eram mandados para o extermínio. Quando olhava para o rosto dos prisioneiros judeus, com as maçãs protuberantes e os olhos fundos, era como se não houvesse nada ali. Todos os sentimentos e emoções haviam sido cauterizados dentro deles. Eu tinha de ver com meus próprios olhos o que estava acontecendo. Eu tinha de entrar lá (AVEY; BROOMBY, 2011, p.141). (...) Sim, todos nós tínhamos ouvido falar nas câmaras de gás e das seleções, mas a mim não bastava ouvir falar (...)... precisava ver o que transformava seres humanos naquelas sombras. (...) Eu queria os nomes dos Kapos e dos oficiais da SS que eram responsáveis pela obscenidade a minha volta. (...) Sim, tinha uma coisa que eu podia fazer; algo que fui levado a fazer. Não era muito, mas se eu conseguisse entrar ali, se pudesse apenas ver, poderia dar meu testemunho (AVEY; BROOMBY, 2011, p. 142).

Para isso, pela necessidade de ver pessoalmente o que os alemães faziam secretamente com os “listrados”, “sub-humanos desgraçados”, arquitetou o plano de trocar de papel com um judeu chamado Hans, a cuja memória dedica o livro. Avey descreve:

A troca demandou semanas de planejamento meticuloso e observação. Eu estudei os movimentos dos prisioneiros judeus, anotei onde e quando eles se reuniam para voltar a seu acampamento, aprendi a emular sua fadiga, seu andar curvado, sua caminhada cambaleante. Aprendi a andar com os tamancos duros de madeira que eles usavam (AVEY; BROOMBY, 2011, p.140). (...) Quando chegou a hora, cortei meu cabelo com uma tesoura velha e depois raspei o restante com uma lâmina quase cega. (...) sujei meu rosto, em especial as bochechas e debaixo dos olhos, a fim de adquirir a palidez cinzenta da exaustão. (...) Eu estava pronto (AVEY; BROOMBY, 2011, p.141).

No campo, foi com a ajuda de dois companheiros e de muitos cigarros (que ali valiam como barras de ouro, moeda de barganha e suborno de guardas e Kapos²) que a troca pôde se realizar:

Eu sabia que tínhamos de ser rápidos. Aguardei escondido na pequena cabana. (...) assim que ele se curvou para entrar, tirei minha jaqueta. Ele fechou a porta diante do tumulto daquela área de construção hedionda e se livrou de seu uniforme listrado encardido. Jogou as toscas vestimentas para mim, e eu as vesti sem hesitação. Ele era um judeu holandês, e eu o conhecia como Hans. (...) Dali em diante, usando as roupas dele, eu seria tratado da mesma forma que ele vinha sendo tratado. Se eu fosse apanhado, guardas me matariam como impostor. Sem dúvida alguma. Eram meados de 1944 quando entrei em Auschwitz III, por livre e espontânea vontade (AVEY; BROOMBY, 2011, p.14-5).

A narrativa da dolorosa vivência que o narrador tivera como soldado em campo de batalha e como prisioneiro de guerra, já carregada de tensão,

atinge o leitor como uma flecha no estômago a partir do relato de sua experiência como um “litrado”. Os horrores diários que testemunhou em Buna-Monowitz, descritos com dureza e revolta, são transmitidos ao leitor pela prodigiosa memória de um homem nonagenário, resgatada depois de 66 anos com tal detalhamento como se Auschwitz tivesse acontecido ontem.

Examinando a linguagem do texto, o que se tem é uma narrativa articulada pela máxima verossimilhança, apoiada na fiel realidade, tanto quanto pode a confiabilidade garantir-se na memória. Quanto a este aspecto, vale lembrar as palavras de Primo Levi, um dos mais notáveis memorialistas do Holocausto, em *Os afogados e os sobreviventes*:

A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz. Esta é uma verdade gasta, conhecida não só pelos psicólogos, mas também por qualquer um que tenha prestado atenção ao comportamento de quem o rodeia, ou a seu próprio comportamento. As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra (LEVI, 1990, p.9).

Da mesma forma, o narrador, em primeira pessoa, também suscita vulnerabilidade narrativa. No caso, um narrador-testemunha, pouco isento por definição e, em princípio, suspeito, é passível de subjetividade e comprometimento. Mas é graças à memória e ao narrador-testemunha, confiáveis ou não, que o mundo e a História receberam e continuam recebendo depoimentos sobre o horror que viveram os judeus no tempo da barbárie nazista. É preciso repetir: tal barbárie aconteceu há pouco mais de meio século. Pode acontecer de novo.

Muito bem escrito e bem traduzido, o livro constrói-se com o discurso da memória, discurso que não pede, a rigor, imagens literárias, às quais *O homem que venceu Auschwitz* não recorre; tra-

ta-se de uma escrita objetiva, obedecendo ao sentido literal da palavra, padrão linguístico adotado por jornalistas, preocupados em não deixar vaziar qualquer ambiguidade, elemento indesejável na narração do real. Rob Broomby teve o mérito de transcrever as lembranças de Denis Avey com isenção, sem se deixar envolver pela narração da cruel realidade vista e vivida por quem lhe contava sua história.

São poucos os diálogos, o que prejudica, em parte, a agilidade do discurso; embora plasticamente rica, a linguagem é monótona, arrastada, exageradamente descritiva e minuciosa nos capítulos que narram a experiência de Avey nos campos de batalha. O livro adquire mais suspense e agilidade nos capítulos que falam do campo de prisioneiros em E715 e, principalmente, de Auschwitz III. Nesse ponto, a obra conquista o interesse e a empatia imediata do leitor, horrorizando-o e indignando-o a cada passagem. Entre tantas, uma das que melhor ilustra o tamanho da crueldade nazi é a que fala de um menino judeu, cuja imagem Avey nunca esqueceu: “Ainda posso ver aquele pobre rapaz em posição de sentido, todo ensanguentado e levando pancadas na cabeça” (AVEY; BROOMBY, 2011, p.13). Tantas, que Avey imagina que não tenha sobrevivido.

Por serem os personagens de *O homem que venceu Auschwitz* concebidos na sua condição coletiva, a densidade pessoal atribuída a personagens para mobilizar conflitos intra ou interpessoais é substituída, no universo de Buna-Monowitz, por um conflito de dimensão mais ampla: a luta entre vida e morte, indignidade e dignidade humana, humilhação e integridade moral.

Em *O homem que venceu Auschwitz*, os personagens, impessoais no geral, fazem parte de uma multidão de anônimos, numerados, marcados como gado, tirados da vida real. Os que receberam

nomes são poucos: Franz, o que “subiu pela chaminé”; Hans, com quem trocou de identidade; Ernie Lobet, a quem Avey também dedica o livro, sobrevivente da terrível marcha da morte, o qual chegou aos Estados Unidos apenas com a roupa do corpo e que, com astúcia e ambição, construiu uma vida social e econômica invejável; Bill Hedges e Jimmy Fleet, companheiros de campo que ajudaram na armação do plano; Lês, amigo e companheiro de guerra explodido em campo de batalha às vistas de Avey, entre outros raros nominados. Mas o grande e terrível personagem do livro tem nome: Holocausto.

O homem que venceu Auschwitz é um libelo contra esse personagem satânico.

Mesmo depois de vivenciar e sofrer, com horror e revolta, a etapa que precedeu a carnificina do projeto de assassinato e cremação, Denis Avey chega aos 93 anos ainda com fôlego para viver e desfrutar a vida, concluindo, no balanço de sua história, que não viveu em vão e que a aventura da vida reinicia; e o leitor, depois de tantos momentos fortes, tensos e comoventes, recebe, no final, uma recompensa, respirando aliviado: “Mesmo na minha idade, ainda posso aproveitar um pouco, e sei que tive uma vida muito boa a vivi intensamente e, como gosto de dizer, ela mereceu um livro inteiro” (AVEY; BROOMBY, 2011, p. 261).

O homem que venceu Auschwitz é um livro indispensável para garantir e preservar a memória histórica da indústria do genocídio construída pelo regime nazista. Muito já se escreveu, relatou e mostrou em filmes e documentários sobre o Holocausto, a *Shoah*, mas nunca é o bastante para que a sirene que avisa do perigo ainda soe hoje, num mundo minado novamente por constantes manifestações antissemitas e preconceitos étnicos e religiosos.

Que fique a advertência de Avey: “As pessoas

acham que isso não vai acontecer novamente e, em especial, que não vai acontecer aqui. Não acredite nisso; não é preciso muita coisa” (AVEY; BROOMBY, 2011, p. 261).

E fique também a resposta de Ernie Lobet, sobrevivente de Buna-Monowitz, quando lhe perguntaram qual o alerta que daria às futuras gerações, para as quais a guerra tornou-se um passado remoto: “Para que o mal triunfasse, bastou apenas que os bons não fizessem nada” (AVEY; BROOMBY, 2011, p. 260). E que fique, a propósito, a imagem profética criada por Bergman, em 1977, em *O ovo da serpente*, retroagindo a ação do filme para os anos 20, logo após a derrota alemã na 1ª Guerra, ainda longe do nazismo, para mostrar o horror que então já germinava e que era possível antever, recorrendo à poderosa metáfora do ovo da serpente, monstro que já se podia ver pronto através da fina membrana do ovo que o gestava. A membrana do ovo rompeu e nasceu a víbora na forma da maior barbárie do século XX. Para isso, como disse Lobet, “bastou apenas que os bons não fizessem nada”.

NOTAS

1 Jean Améry suicidou-se trinta e três anos depois de Auschwitz-Monowitz e Bergen-Belsen; Paul Celan, 34 anos depois do campo de trabalhos forçados de Tabaresti, em Bukowina; e Primo Levi, 43 anos depois de Auschwitz (na época, Elie Wiesel disse que “Primo Levi morreu em Auschwitz quarenta anos depois”), suicídios tardios que subscrevem as palavras do filósofo alemão epigrafadas neste artigo.

2 *Kapo*: judeus aos quais os alemães designavam tarefas especiais nos guetos e campos de concentração. Atuavam como polícias judaicas e nos campos como comandantes, chefes de alojamentos.

REFERÊNCIAS

AVEY, Denis; BROOMBY, Rob. *O homem que venceu Auschwitz: uma história real sobre a Segunda Guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CELAN, Paul. "Morte em fuga". In: GUINSBURG, Jacó (org.). *Quatro mil anos de poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1969. (Coleção Judaica, 12).

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Recebido em 16/06/12

Aceito em 18/07/12